

Teresa Torres Eça

Licenciatura em Artes Plásticas/ Pintura pela Escola Superior de Belas artes do Porto; Mestrado em Art, Craft And Design Education pela Universidade de Surrey, Doutorada pela Universidade de Surrey. Professora de Desenho na Escola Secundária Alves Martins, Colaboradora do Centro de Investigação em Educação e Psicologia – Universidade de Évora, Membro Associado da Linha de Estudos Artísticos do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Presidente da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (APECV), Representante da Europa no Conselho Mundial da International Society for Education through art (InSEA). E membro fundador da Rede Ibero Americana de Educação Artística. Assistente Editora da Revista International Journal of Education through Art.

O MUSEU COMO INTERFACE ENTRE CULTURA LOCAL E CULTURA GLOBAL

Teresa Torres Eça

Resumo

O museu será uma porta aberta ou fechada para as comunidades? Poderá o museu servir de ponte entre a cultura local e a cultura global? Que tipo de ponte? Poderá ser mais do que uma ponte? Como se vêm os museus na comunidade e como as comunidades vêm os museus? Existem muitas maneiras de ser museu, e de se abrir à comunidade ou de se deixar desenhar pela comunidade. O museu é um espaço de diálogo aberto por excelência, qualquer que seja o seu acervo. O tipo diálogo é que pode ser diferente de instituição para instituição.

Parto de memórias de encontros e diálogos com museus, de relatos de experiências dialógicas entre museus e comunidades para apresentar o que poderia ser a *maquette* do museu ideal, um lugar de refúgio e de resgate, de conversa e de aprendizagem onde a cultura local e a cultura global se interpenetram.

Palavras-chave: Educação cultural, Educação artística, Museu, Parcerias

Abstract

Is the museum an open or a closed door to the communities? Will the museum serve as a bridge between local and global culture? What type of bridge? Is it more than a bridge? How museums understand the community and how communities understand museums? There are many ways to work in museums, by opening themselves to the community and or by letting the community to share the planning of the museum programmes. The museum is a space for open dialogue but the type of dialogue between communities and museums can be different from institution to institution.

This paper is about memories; meetings and dialogues with museums, reports of dialogic experiences between museums and communities to show what could be the ideal museum programme, a place of refuge and redemption, conversation and learning where the local culture and the culture global interpenetrate.

Keywords: Cultural education, Arts Education, Museum, Partnerships

Vivências únicas no museu

A experiência dos indivíduos no museu depende de interesses e motivações prévias, baseadas na sua experiência de vida, nos seus conhecimentos, na sua posição social, económica e cultural, que irão necessariamente condicionar o seu modo de olhar, sentir e recriar o que encontram no museu. A interface entre o museu e o indivíduo pode gerar processos de aprendizagens significativas. Estas aprendizagens, parte integrante da experiência global, serão portanto aquelas que resultem da conjugação do património cultural, social e emocional que os indivíduos trazem consigo, da sua biografia, com aquilo que a instituição visitada (com os seus objectos, colecções e serviços) é capaz de lhes proporcionar (Silva, 2006). O museu é um ponto de encontro, um lugar de dialogo que pode ser silencioso mas é sempre atento e critico ou pelo menos deveria ser . O museu pode ser o refúgio, um reduto final, um abrigo para quem entra. E quem entra pode não ser o visitante apressado ou o visitante turista, ou o visitante escolar ou o visitante demorado. Quem entra pode ser mais que um passeante pode ser um parceiro, alguém que procura um lugar de resgate cultural.

Serviços educativos nos espaços culturais: espaços de participação do público

Muitos equipamentos culturais hoje em dia promovem serviços e projectos educativos para responder à necessidade de formação de públicos. Para que haja consumo cultural urge fazer formação de públicos, públicos com poder de compra que visitem museus, assistam a concertos, a peças de teatro e frequentem as colecções das grandes fundações. Daí a justificação económica dos serviços educativos. Mas se encararmos as instituições e projectos culturais como mecanismos sociais, espaços de criação e diálogo, as justificações e as finalidades serão muito mais ambiciosas. A sociedade do conhecimento exige maiores responsabilidades aos seus cidadãos ao assumir que todos os indivíduos são agentes activos da sua própria construção de conhecimento. Os serviços educativos podem contribuir para a promoção desta consciência enquanto espaços de negociação e discussão participada, e, neste sentido, permitem a expansão cultural nas suas múltiplas manifestações criativas, colocando-as ao serviço de todos como instrumentos de reflexão, mudança e intervenção.

Além disso como membros da sociedade civil os espaços culturais, e os profissionais que trabalham neles tem responsabilidades sociais. Não estamos mais no tempo dos passivos funcionários que apenas obedeceriam a ordens cumprindo as tarefas que

lhes ordenavam. Vivemos numa sociedade diferente e queremos viver num mundo onde cada um tem um papel social a desempenhar, onde cada um tem direitos e deveres não só como profissionais a também como seres humanos. Apelamos para isso a novos paradigmas entre empregador e empregado, entre empregado e serviço público. Novos paradigmas que apostem no trabalho colaborativo onde se respeitem as vozes e os interesses de todos os participantes e se abram ou procurem parcerias com outras organizações ou indivíduos da comunidade onde o museu se insere. Uma interface que está a ser experimentado em muitos lugares, e de que damos dois exemplos mais adiante.

Os modelos de interface que existem não são sempre os mais adequados porque se constroem a partir das ideias e do projecto de um único grupo, sem diálogo com os outros grupos interessados no início dos programas, quando são delineadas as estratégias. Um bom programa para a comunidade deveria ser desenhado a partir de uma verdadeira identificação de necessidades dos vários elementos ou organismos que fazem parte da comunidade. Sem relações hegemónicas nem ideias preconcebidas. Deveria ser fruto de equipas interdisciplinares aberto a ideias que podem vir de territórios desconhecidos.

Experiências de Actividades educativas em Parceria

Existem programas a decorrer sobretudo em museus interessantíssimos do ponto de vista do interface educativo. Museus e Teatros que fomentam oficinas de tempos livres para crianças, jovens ou adultos, respondendo ao repto do entretenimento ou da aprendizagem ao longo da vida. Ou indivíduos que procuram as instituições culturais para desenvolver projectos colaborativos .

O excelente trabalho da professora Ana Barbero e do artista Yuraldi Rodriguez Puentes (parceria Museu Grão Vasco e Instituto Piaget de Viseu) que consistiu na recriação da oficina do pintor renascentista Vasco Fernandes numa sala do Museu Grão Vasco para jovens da comunidade de Viseu, Portugal (Programa Insites009¹, Museu Grão Vasco, Junho 2009) é um exemplo da capacidade de inovação de jovens artistas educadores que se dedicam à educação das artes como compromisso social.

1 <http://insitesviseuo8.espacioblog.com/>



Programa Insitesoog, Museu Grão Vasco, actividade de Ana Barbero e Yuraldi Rodriguez Puentes, Junho 2009.

Paulo Dalva (Portugal) é um artista que tem trabalhado em teatros municipais e museus a partir dos seus serviços educativos propondo-lhes oficinas de animação onde as crianças e jovens cotam as suas histórias pessoais ou vivências a partir de obras de arte do museu local (Museu Quinta de Santiago em Matosinhos, Teatro Municipal da Guarda)



Fotos de oficina de animação dinamizada por Paulo Dalva, Guarda, Portugal.

Estes educadores/artistas estão conscientes das potencialidades das artes como factores de coesão social e entendimento do eu e do outro. O seu trabalho pode ser pontual e por vezes, senão na maioria das vezes voluntário ou mal remunerado, sem contratos, sem garantias nem financiamentos, mas o seu trabalho é compromisso social e pioneiro na medida em que é interdisciplinar e interinstitucional.

Lugares de refúgio e de resgate

O espaço cultural ou educativo pode ser um lugar de refúgio e de resgate, de conversa e de aprendizagem onde a cultura local e a cultura global se interpenetram. Onde as nossas histórias e as histórias dos outros acontecem. Muitas vezes vemos esses espaços como último reduto da cultura local ou de uma cultura significativa para certos locais e queremos que eles fechem as portas ao caótico frenesim das culturas globais que nos invadem o dia a dia terrivelmente visuais e sonoras, terrivelmente em movimento. Queremos a quietude do passado ou pelo menos de um passado recente para nos purificarmos. Mas será que isso é possível? Será que isso é desejável? Será que poderemos encontrar esse lugar na confluência do bulício da vida real e da quietude da instituição? Como poderá ser esse lugar? Talvez um não lugar feito de encontros e paragens entre a escola, a rua e o museu. Entre os professores, os alunos e os serviços educativos dos espaços culturais. Esses lugares poderiam responder a questões sociais, problemas comunitários ou atender a necessidades prementes da comunidade.

Os museus e outras instituições educativas e culturais podem também estar interessados em projectos transdisciplinares não só motivados pelo lucro imediato da afluência de visitantes mas também por se sentirem responsáveis perante a sociedade. Roberta Altman numa comunicação apresentada em Julho de 2009 em Veneza na conferência 'Arts & Society', descreveu um projecto educativo que envolve o Museu Americano de História Natural e o Bank Street College, em NY. A experiência tem agora dez anos e foi iniciada pela prefeitura de NY que investiu em programas educativos nos museus para ocupar as crianças do sul do Bronx que ficavam sozinhas depois das aulas. Roberta concebeu um programa interdisciplinar, onde as artes visuais e ciências têm um papel central, as crianças são convidadas a descobrir o museu e o sítio onde moram no papel de exploradores, dentro do espírito de expedição dos cientistas. As crianças descobrem o que está dentro do museu e o que está relacionado com as coisas que viram dentro do museu na área onde moram, gerando ligações criativas entre as diferentes áreas do conhecimento. A expedição é relatada em portefólios críticos que eles expõem no museu ou na escola com uma apresentação oral explicando o aprenderam em eventos abertos aos pais e à comunidade na escola e no museu.



Alunos do Bank Street College of Education no American Museum of Natural History, actividade de Roberta Altman 2009

Conclusões: Escolas /Espaços Culturais

A educação cultural é um campo não estruturado e complexo que exige uma competente parceria entre o trabalho escolar e as instituições culturais, como museus e outros espaços expositivos. Na promoção de uma educação inclusiva e coerente com os problemas da sociedade contemporânea espera-se que os mediadores culturais saibam que não será apenas pela “fruição”, ou pela “contemplação desinteressada” ou ainda pela “apreciação” de obras de artes visuais que atingiremos nossas metas. É mais provável que através da “problematização” possamos ajudar os estudantes a compreender os modos como as instituições culturais (escolas, museus, e o sistema de arte em geral) os representam e/ou excluem, assim como a compreender como tais instituições os afectam e influenciam sobre o que pensam de si mesmos (Franz, 2003).

.As instituições culturais e as escolas podem cruzar-se sem confundir a educação cultural feita num lado - educação não formal - e noutra - educação formal. O cruzamento entre escolas e museus ou espaços culturais faz parte de uma rede de nódulos gigantescos pertencentes a uma estrutura rizomática impressionante para a qual tenderia uma sociedade que aposta na cultura global e local através de espaços culturais onde se desenvolvem projectos colaborativos desenhados em conjunto desde a raiz entre todos os participantes desse interface sem que nenhum dos intervenientes imponha a sua visão da cultura ou a sua maneira de fazer cultura quer seja local ou global, em contextos educativos ou de entretenimento.

Referências

Eça, Teresa Torres; Reis, Ricardo; Silva, Susana Gomes; Barriga, Sara (2008) *Diálogos Entre Espacios Culturales y Educativos: Por una mediación participada*. In: Ricard Huerta, Romà de las Calle (Eds) 'Mentes sensibles. Investigar en educación y en museos'. Universitat de València: PUV. ISBN: 978-84-370-7147-3

FRANZ, T.S. (2003). '*Educação para uma compreensão crítica da arte*'. Florianópolis: Letras Contemporâneas

SILVA, Susana Gomes da (2006) '*Museus e Públicos: estabelecer relações, construir saberes*', in Revista Turismo e Desenvolvimento, 5/2006, Universidade de Aveiro, Aveiro, pp 161-167.